



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 31

A morte e a ressurreição de Jesusⁱ

Texto-base: Mt 27.32 – 28.56

Crucificação e Morte

Dois mil anos se passaram desde que Jesus morreu na cruz; e crentes piedosos em todos os lugares tem inconscientemente domesticado o que foi uma vez reconhecido universalmente como um instrumento brutal e vergonhoso de tortura. Hoje nós usamos cruzes de ouro ao redor do pescoço e em nossas abotoadeiras, dependuramos cruzes iluminadas na frente dos nossos santuários, imprimimos cruzes em relevo em nossas Bíblias e hinários. E ninguém fica chocado! Entretanto, todas as fontes antigas testificam de como a cruz era universalmente vista com repulsa. As pessoas que eram crucificadas demoravam dias para morrer. Penduradas na estrutura de madeira, elas iriam puxar com seus braços e empurrar como suas pernas a fim de manter as cavidades do seu peito abertas o suficiente para respirarem; e então começariam as contrações musculares excruciantes. Elas cediam, permitindo que suas algemas ou seus pregos recebessem o peso, até que a necessidade por oxigênio iniciasse o ciclo horrendo mais uma vez. As vítimas morriam de colapso do coração, de exaustão, de choque. Se a morte tivesse que ser apressada por alguma razão, os soldados precisavam somente quebrar as pernas da vítima. A sufocação seguia-se automaticamente.

Todavia, pior ainda era a vergonha; e a vergonha estava relacionada com o mundo judaico onde todo mundo sabia que o Velho Testamento pronunciava a maldição de Deus sobre todos aqueles que eram dependurados numa árvore (madeiro) (Deuteronômio 21:22,23; veja também Gálatas 3:13). A visão repulsiva afastava o covarde e o medroso; os cruéis saíam com exultação maligna do seu sucesso e lançavam seus insultos e escárnios: “Tu, que destróis o santuário e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és Filho de Deus, desce da cruz!” (27:39,40).

Eles pensaram que eram tão espertos; mas a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana. Precisamente ao ir voluntariamente para a cruz, Jesus *estava* destruindo “este templo” - o templo do Seu corpo - e em três dias Ele seria

“reconstruído”. E precisamente porque Ele era o Filho de Deus, Ele não desceria da cruz!

Uma ironia dupla semelhante estendeu-se a toda a zombaria que Ele suportou. “A outros salvou; a si mesmo não pode salvar”! (27:42) eles escarneceram. Num nível, eles estavam questionando a legitimidade e a realidade das Suas reivindicações. Com certeza o Messias verdadeiro não seria forçado a suportar tal vergonha e sofrimento. Contudo num nível mais profundo, o escárnio estava largamente correto. Se o Senhor Jesus fosse salvar outros, Ele tinha que Se sacrificar, e Ele não podia salvar a Si mesmo.

Pior de tudo, ainda, foi o profundo sentimento de ser absolutamente abandonado por Deus (27:46). Isso não foi instigado pela autopiedade espalhafatosa. O Filho que conhecia a intimidade com o Seu Pai espelhada em Mateus 11:27 agora experimentava o que Ele nunca havia conhecido antes, e o que Ele mais temia - o abandono do Seu santo Pai, enquanto Ele levava sobre si a maldição da culpa humana. O poema de Elizabeth Browning talvez seja o melhor comentário:

*Sim, uma vez, o pranto do orfanado Emanuel
Seu universo chacoalhou -
Ele subiu sozinho, sem eco, “Deus meu, Deus meu,
por que me desamparaste!”
Ele subiu dos lábios santos em meio a Sua criação perdida,
Para que, dos perdidos, nenhum filho devesse usar essas
palavras de desolação!*

Triunfo sobre a morte – e a comissão

Graças a Deus, a cruz não marcou o fim do relato!

Na melhor das estimativas, Jesus foi crucificado na sexta-feira. Naquele fim de tarde, o sábado começava (já que os judeus contavam seus dias do pôr do sol ao pôr do sol) e ninguém viajava muito longe. No final da tarde do sábado, o sábado terminava e o terceiro dia começava. Logo cedo no domingo pela manhã, à primeira luz, duas mulheres, ambas chamadas Maria, e alguns outros (veja Marcos 16:1; Lucas 24:10) “foram ver o sepulcro” (Mateus 28:1).

Como esperavam passar pelos guardas vigilantes jamais saberemos (se souberam antes de chegarem que os guardas estavam ali). Um violento terremoto e a aparição de um anjo atemorizaram os sentinelas postados e eles “ficaram como mortos” (28:4) - eles desmaiaram de medo. O que se torna imediatamente claro é que o rolar da pedra, o aparecimento do anjo, e a remoção efetiva dos soldados não foram para permitir que o Messias ressurreto escapasse (como se as pedras e os sentinelas

pudessem segurá-lo), mas para permitir que as primeiras testemunhas entrassem no túmulo.

Nenhum dos autores dos Evangelhos relatou todas as aparições de ressurreição do Senhor Jesus, porém os vários relatos podem ser harmonizados em pelo menos três maneiras diferentes. Existem relatos de pelo menos dez ou onze aparições específicas; e houve muitas outras não relatadas (veja Atos 1:3). Os leitores modernos não podem ser testemunhas oculares; mas recebemos pela fé o relato passado por eles e preservado para nós nas páginas das sagradas Escrituras. Nem todas as tentativas de mudar ou distorcer a verdade - um exemplo do qual é encontrado em Mateus 28:11-15 - conseguem remover este firme fundamento de toda a fé cristã genuína.

Todavia, nem mesmo a ressurreição foi o fim da história. Em certo sentido, foi apenas o começo. Para Jesus, Seu triunfo foi a base no qual toda a autoridade do Seu Pai é conferida a Ele (28:18; veja também 1 Coríntios 15:20-28). Isso não quer dizer que antes da cruz Seus ensinamentos e obras tinham menos autoridade, pois mesmo durante o Seu ministério Suas palavras, como as de Deus, não passariam (Mateus 24:35), e, como Deus, Ele perdoou o pecado (9:6). Pelo contrário, as esferas nas quais Sua autoridade foi exercida tinha agora sido aumentada. “Toda autoridade no céu e na terra” pertencia a Ele, todo o universo está sob o Seu controle.

Precisamente porque nosso soberano Senhor Jesus tem toda a autoridade, Sua comissão é assegurada do Seu poder e do grau de sucesso e triunfo que Ele concede (28:18-20). A comissão de fazer discípulos, de batizar, e de ensiná-los, não somente permanece um dos mandatos duradouros para a Igreja, mas reúne vários temas centrais no Evangelho de Mateus. Aqui está o cumprimento das promessas aos gentios; aqui está o mandato de passar adiante todo o ensino de Jesus que Mateus tão cuidadosamente preservou; aqui está o fruto de uma missão de treinamento relatada em Mateus, capítulo 10; aqui está a autoridade ou reinado de Jesus já em operação; aqui está a esperada prelibação da consumação por vir (“até a consumação dos séculos” 28:20).

No entanto o livro termina, não com comissão, e sim, com promessa (28:20). Nosso verbete em português “sempre” traduz a expressão no grego encontrada aqui, a qual significa “o todo de todos os dias”. Jesus prometeu estar com os Seus discípulos, enquanto eles fazem discípulos de outros, não somente ao longo de todo o curso do seu ministério, mas “no todo de todos os dias”, “até o final dos tempos”.

ⁱ Esta lição corresponde à parte do capítulo 12 do livro **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES).